

Puta Pantheon: Memorial gráfico transatlântico de putas notáveis através dos séculos

Puta Pantheon: transatlantic graphic memorial of
notable whores through the centuries

Puta Panteón: memorial gráfico transatlántico de putas
notables a través de los siglos

Marcio Zamboni

Natânia Lopes

<https://doi.org/10.20396/proa.v15i00.20317>

PROA

revista de antropologia e arte

dossiê

volume 15 | e025022

Puta Pantheon: Memorial gráfico transatlântico de putas notáveis através dos séculos

Marcio Zamboni

 <https://orcid.org/0009-0000-7150-5610>

> marciobz@gmail.com

Doutor em Antropologia Social

Universidade de São Paulo

Natânia Lopes

 <https://orcid.org/0000-0003-3326-4814>

> natanielopes@id.uff.br

Pós-doutora em Antropologia

Universidade Federal Fluminense/

Escola Lacaniana de Psicanálise do Rio de Janeiro/

Rede Brasileira de Prostitutas



Pantheon. Termo latino derivado do grego

1. Templo dedicado a todas as divindades na antiguidade greco-romana.

2. Conjunto de divindades de uma religião politeísta.

3. Edifício público consagrado aos heróis, heroínas e grandes personalidades de uma nação, onde se encontram os seus restos mortais, cenotáfios ou outra solução memorial evocativa.

4. Figurativo: conjunto das figuras mais ilustres em determinado domínio.

Etimologia: do grego arcaico Πάνθεον, qualifica algo (pan/Παν = de todas + heon/θεον = divindade).

Putá. Termo vulgar, corruptela de Prostituta.

Substantivo Feminino.

1. Mulher que exerce trabalho sexual. Prostituta, meretriz, rameira, cortesã, trabalhadora sexual, acompanhante, garota de programa, rapariga, mulher da vida, do job.

2. Pejorativo: Mulher coagida a servir sexualmente um ou mais homens de maneira considerada indigna pela moral dominante. Vítima de exploração sexual.

3. Pejorativo: qualquer mulher que pratica sexo não reprodutivo com frequência.

Adjetivo femenino.

1. Pessoa indignada, inconformada, inquieta, insubmissa, disruptiva, revoltada, revoltosa, revolucionária.

2. Algo produzido por e/ou para pessoas que se afirmam politicamente como trabalhadoras sexuais.

Advérbio de intensidade.

Que tem grande qualidade, quantidade ou intensidade.

Duas palavras Polissêmicas e com P maiúscula. Palavras com cargas morais opostas, e que por isso mesmo se atraem tanto. Em termos técnicos, Puta é uma corruptela vulgar de uma palavra que, em sua forma culta, já é considerada vulgar pela *boa sociedade* - que prefere eufemismos como *acompanhante* ou *garota de programa*. A não ser em situações de confronto moral, nas quais os cidadãos de bem desta mesma sociedade demonstram um escandaloso domínio dos mais recônditos e abjetos rincões da linguagem.

Já os Pantheons ocupam um lugar privilegiado na linguagem e também na arquitetura das cidades ocidentais desde a antiguidade greco-romana. Um ideal grandiloquente que ganha forma em edifícios públicos imponentes vistos por quase todos, visitados com reverência por muitos, mas habitado apenas por um número restrito de seres extraordinários: divindades ou grandes personalidades depois de sua morte. O mais icônico deles é o Pantheon de Roma, que permanece de pé quase dois milênios depois de sua reconstrução pelo imperador Adriano¹. Mais recentemente, antigas metrópoles coloniais como Paris e Lisboa ergueram seus próprios Pantheons como templos civis que exaltam com neoclássica nostalgia a grandeza de seu passado.

A norma culta da língua portuguesa admite em alguns dicionários a palavra Panteão, mas não a adotamos. Trata-se de um substantivo masculino e nossa Pantheon não tem nada de masculina, tem pouca substantividade e o único dicionário que conhece é a Aurélia. Quanto a Normas, fazemos questão de respeitar duas: Norma Shearer e Norma Bengell, as demais já foram cooptadas pela ABNT.

Se a invisível legião estrangeira das mulheres da vida erguesse um mausoléu nômade dedicado à memória de suas heroínas de guerra, como seria tal Pantheon? Encontraríamos em sua deslumbrante fachada aplicações inovadoras da proporção áurea? Ou a simples entrada de uma delas no recinto já começa a desalinhar a harmonia neoclássica do edifício, que a cada nova imputação vai transmutando o mármore carrara em camadas e camadas de veludo azul, renda preta e couro sintético com estampa de oncinha? Já não se sente o suave aroma aspergido pelos incensários de prata quando uma densa nuvem de vapor púrpura entra por todas as frestas com uma mistura inebriante de perfumes adocicados, essência sintética de rosas e removedor de esmalte. Já não se reconhecem a alvura e a retidão do templo civil que tanta reverência inspirava aos hipócritas: o que temos é um cabaré surrealista que com sua ruidosa indecência ameaça a integridade da família, da moral e dos bons costumes.

¹ Algumas décadas antes do nascimento no Brasil do carismático jogador Adriano, aclamado pela torcida com o título de imperador, o velho Adriano da Antiguidade Clássica se tornou um verdadeiro ideal de honra e sensibilidade para toda uma geração de homens homossexuais graças ao sucesso comercial do romance *Memórias de Adriano* (Yourcenar, 1994[1951]). Nele, a escritora belga Marguerite Yourcenar se baseia em fontes reconhecidas pela historiografia oficial para reconstruir a inacreditável e trágica história de amor entre aquele que foi o homem mais poderoso de seu tempo por seu assistente íntimo: Antinous, um jovem grego que morreu afogado no rio Nilo pouco antes de atingir a maioridade. Inconformado com a perda, Adriano usou seu poder para transformar o amado em uma divindade, uma reencarnação do deus egípcio Osíris. O culto à nova forma do deus se difundiu em várias partes do império e algumas das belas esculturas em sua homenagem constam em coleções renomadas como a do Museu do Vaticano.

Os efeitos concretos deste experimento estético e político não saberemos enquanto não empilharmos os primeiros pixels dessa empreitada e compartilharmos o resultado suspeito com nossas cobaias: vocês, leitoras. Por enquanto, nossa única certeza é que quem nunca foi chamada de Puta em vida não entrará neste Pantheon depois de morta. E quem foi ou ainda será assim nomeada pela linguagem misógina poderá ir à luta com a puta certeza de que estará muito bem acompanhada.

Mesmo nos tempos mais sombrios temos o direito de esperar alguma iluminação e tal iluminação pode bem provir, menos das teorias e conceitos, e mais da luz incerta, bruxuleante e frequentemente fraca que algumas mulheres, nas suas vidas e obras, farão brilhar em quase todas as circunstâncias e irradiarão pelo tempo que lhes foi dado na Terra. Olhos tão habituados às sombras, como os nossos, dificilmente conseguirão dizer se sua luz era a de uma vela ou a de um sol resplandecente (Arendt, 2019 [1968]).

Para uma sociedade que afirma proverbialmente que a prostituição é a profissão mais antiga da humanidade, nossa memória coletiva é bastante relapsa no que diz respeito à história desta categoria profissional. Nas fontes mais valorizadas pela historiografia tradicional a prostituição aparece sobretudo como uma categoria de acusação que desqualifica mulheres que desafiam a moral sexual e as hierarquias de gênero vigentes.

A acusação de puta é um dispositivo de controle sobre a conduta feminina: a puta é tudo que uma mulher correta não deve ser. O desprezo público não anula outros sentimentos intensos que a puta desperta: o temor e o desejo. Como argumenta Mary Douglas (1966), das margens dos sistemas sociais e simbólicos emerge uma forma específica de poder, aquele que desafia a norma e prenuncia sua transformação. Estruturas estáveis e hierarquizadas são também pouco flexíveis e criativas. Desvencilhada das amarras rígidas da busca pela pureza, a puta pode ser tudo o que não se permite que a mulher correta seja: devires múltiplos, atravessados por prazer e perigo (Vance, 1984; Gregori, 2016; Olivar, 2013).

O objetivo dessa série de desenhos é celebrar a memória de mulheres poderosas e influentes que foram em seu tempo percebidas como putas por sua conduta sexual. Algumas o fizeram por vontade própria e defenderam a dignidade dessa prática, outras foram coagidas sob brutal violência e fariam o possível para se libertar de tal condição humilhante. Independente da avaliação moral que tivermos dessa dimensão de suas vidas, todas deixaram uma marca indelével na História. Queremos somar suas vozes, não contar suas cicatrizes.

Propomos um memorial gráfico transatlântico abrangendo os principais territórios nos quais o termo Puta é difundido - Península Ibérica, América Latina e Costa Ocidental Africana. Trata-se, portanto, de uma categoria transatlântica que se conformou através da circulação de pessoas entre lugares geográficos, sociais e simbólicos distintos. Um fluxo que se inicia com a invasão colonial dos continentes americano e africano por navegadores europeus e que se torna cada vez mais intenso e complexo através dos Séculos. Se o intercâmbio cultural entre esses continentes tem milênios, a *puta* como figura moral ganha forma no contexto da contra-reforma e da inquisição, instrumentos de poder do colonialismo ibérico.

O cenário compartilhado por nossas heroínas é de dimensões épicas e contornos trágicos, atravessado por atos de violência brutal e desigualdades escandalosas. Por um jogo de contrastes carregados, o brilho inspirador que emana de suas vidas é ressaltado pelo horror desconfortante que as cerca. Não faremos aqui o papel de biografar as homenageadas. Cada uma delas merece pesquisas minuciosas que deem conta da complexidade de sua vida e legado. O Pantheon é sobretudo um convite a conhecê-las, um lugar de encontro para compartilhar histórias sobre cada uma delas e sobre que novas histórias podem emergir uma vez reunida essa puta alcateia.

Nossas inspirações teóricas são diversas: a antropologia feminista, o transfeminismo e o putafeminismo, o campo de estudos interdisciplinar sobre sexualidades dissidentes e marcadores sociais da diferença. Devido ao espaço limitado, mencionaremos de maneira panorâmica algumas autoras fundamentais e as idéias que incorporamos de seus escritos.

Partimos da proposta de Gayle Rubin (2017[1984]) de analisar o lugar da sexualidade na produção de diferenças e desigualdades como um aspecto que se articula intimamente ao gênero, mas que não se reduz a ele. Essa diferenciação a permitiu questionar os efeitos estigmatizantes da corrente feminista que defende a abolição completa da prostituição como um dos objetivos centrais do movimento. Etnografias como a de Nestor Perlongher (2008[1987]) mostram que a prostituição viril, quando dois sujeitos do mesmo sexo negociam o valor de uma performance de gênero masculina, é uma relação desigual de exploração do trabalho tanto quanto a prostituição feminina. O fato de ocorrerem em zonas morais específicas e à margem da lei não muda o fato de que são transações típicas do sistema capitalista. O dispositivo de poder da prostituição, articulado com sua criminalização e exploração, não se reduz a uma questão de gênero: ela atravessa de maneira desigual corpos generificados, racializados e marginalizados.

Hailey Kaas (2012), referência fundamental na tradução e difusão do transfeminismo no Brasil, nos inspirou a reunir numa mesma série experiências de mulheres cis e transgênero. Especialmente no campo do trabalho sexual, aproximá-las sem ignorar suas especificidades nos parece mais produtivo para imaginar alianças do que dividir e excluir, reforçando essencialismos moralizantes. Etnografias realizadas em contextos onde mulheres cis e trans convivem no exercício do trabalho sexual, como as realizadas no Jardim Itatinga (arredores de Campinas) por Letizia Patriarca (2015) e Maria Isabel Zanzotti de Oliveira (2015), nos dão pistas de como essa aproximação pode ser produtiva política e epistemologicamente. Não podemos deixar de mencionar as obras literárias e dramatúrgicas de pessoas trans como Fernanda Farias de Albuquerque (Janelli & Albuquerque, 1995) e Amara Moira (2016), que nos inspiraram a buscar formas originais de contar histórias de pessoas marginalizadas.

Assim como a antropóloga Adriana Piscitelli (2008) ao considerar os trânsitos internacionais de mulheres, adotamos uma perspectiva transcontinental na escolha de figuras icônicas cuja fama pode viajar através do tempo e do espaço produzindo o efeito de mulheres em movimento.

O manifesto Putafeminista de Monique Prada (2018), bem como as escritoras putativistas Gabriela Leite (2008), Lourdes Barreto (2023) e Fátima Medeiros (2024), nos ensinam sobre a irredutibilidade do poder de autodeterminação feminino. O fato das putas negociarem constantemente o valor de um trabalho exercido com o corpo é uma forma de pleno exercício do gerenciamento dos próprios corpos, não sua concessão. Impedir uma mulher de exercer consensualmente trabalho sexual é uma restrição de seu direito à autodeterminação, não sua proteção.

A questão da prostituição e do reconhecimento do trabalho sexual atravessa nossas trajetórias pessoais, políticas e acadêmicas. Natânia Lopes realizou em seu doutorado uma etnografia sobre a chamada *prostituição de luxo* na cidade do Rio de Janeiro. Em seu primeiro romance, ficcionaliza os bastidores de uma pesquisa antropológica realizada por uma universitária de origem suburbana em um luxuoso *Cabaré* (Lopes, 2023a). Publicou contos, um livro de artigos e ensaios (acadêmicos e fotográficos) inéditos sobre prostituição (2023b) e organizou uma coletânea junto ao movimento de putas (2022). Em seus trabalhos, combina recursos da escrita etnográfica e da ficção subvertendo provocativamente as fronteiras moralizadas que pretendem compartimentar condutas sexuais e profissionais, códigos de ética e de estética, interesses científicos legítimos e desejos inconfessáveis, fatos insólitos como plumas de pombo e as fabulações absurdas que insistimos em habitar.

Marcio Zamboni realizou em sua tese de doutorado uma etnografia sobre a diversidade sexual e de gênero no sistema penitenciário de São Paulo e da Cidade do México com foco nas experiências de pessoas LGBTQ+ (Zamboni, 2017; 2020). Nesses dois cenários, observou o lugar central que o trabalho sexual tinha na experiência de mulheres trans que passaram pela prisão - algo ainda pouco lembrado pelos que defendem a segregação espacial dessa população em alas especiais. Em sua escrita etnográfica e ativismo junto a organizações como a Pastoral Carcerária e a Almas Cautivas, tem buscado mostrar como a estigmatização e/ou criminalização do trabalho sexual nas ruas e dentro das prisões tem efeitos especialmente perversos para pessoas trans que atuam nesse mercado. A descriminalização efetiva e o reconhecimento do trabalho sexual como uma forma legítima de atuação profissional são fundamentais, tanto para garantir direitos para quem decidir consolidar a atuação nesse mercado quanto para proteger da discriminação quem atuar nele de maneira intermitente.

As experiências de garantia de saúde integral para trabalhadoras sexuais foram possivelmente as políticas públicas com maior impacto para a valorização de suas vidas, tendo contribuído para a organização de transexuais e travestis em escala nacional. A limitação territorial e as constantes ameaças de descontinuação dos programas por razões de ordem moral ou orçamentária nos lembram que não se tratam de direitos consolidados: sua manutenção e expansão dependem da capacidade política de mobilização e construção de alianças.

Celebrando a memória dessas mulheres extraordinárias, esperamos contribuir para a desestigmatização de todas as mulheres que foram ou ainda serão desqualificadas por sua conduta sexual contra hegemônica. Muitas vezes o estigma da mulher prostituída e a ignorância a

respeito de sua experiência concreta causa mais danos do que as eventuais violações sofridas no exercício do trabalho sexual. Enquanto a historiografia machista vê a puta como uma “mulher que se perdeu”, essas putas mulheres provaram que uma puta pode virar muitas coisas: atriz de cinema, marquesa, rainha, intérprete, estrategista militar, vice-presidenta, filantropa, santa ou apenas puta, com muito orgulho e sem hipocrisia.

Como toda tradição, esta começa com um mito de origem: o Sermão do Mangue, grafado originalmente com batom vermelho nas margens plásticas do evangelho apócrifo de Gomorra. Reza a lenda que o sol da liberdade brilhou em raios fúcsia quando as heróicas Madalena e Geni deram as mãos e proclamaram um brado retumbante: putas unidas jamais serão vencidas!

Desenhos em grafite sobre papel, coloridos digitalmente.

Ordem cronológica da data de falecimento.



Imagem 1 - Maria de Padilha



Imagem 2 - La Malintzin (Malinche)

Imagem 3 - Rosa Maria Egípcia

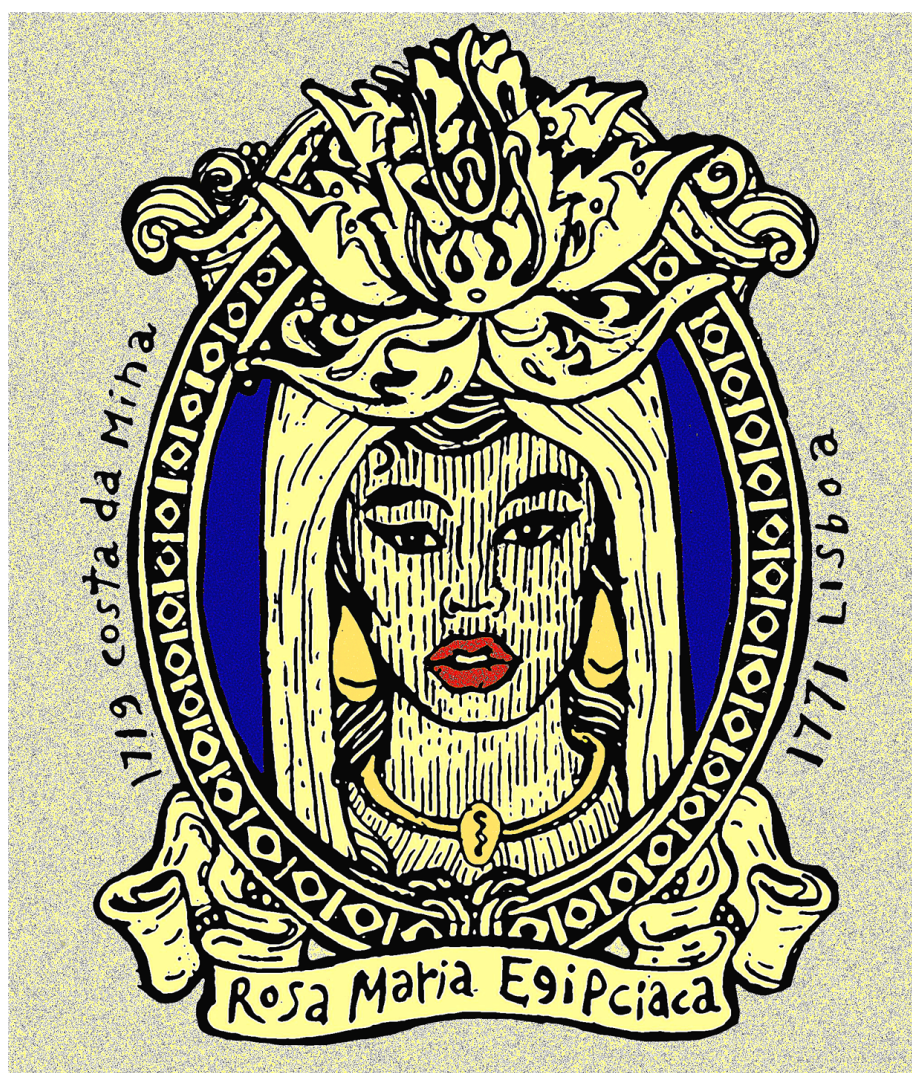




Imagem 4 - Domitila de Castro Canto e Melo (Marquesa de Santos)

>>>>>>>>>

Imagem 5 - Eva Duarte de Perón (Evita)



Imagem 6 - Miroslava Stern



Imagem 7 - Hilda Maia Valentim (Hilda Furacão)



Imagem 8 - Brenda Lee (Caetana)



Imagem 9 - Gabriela Leite



Imagem 10 - Cristina Ortiz (La Veneno)

Contribuição de autoria: O autor Marcio Zamboni é responsável pela concepção, redação, revisão do texto e elaboração das ilustrações. A autora Natânia Lopes contribuiu com parte da redação e revisão textual.

Financiamento: Não houve financiamento para a realização deste trabalho.

Referências

- ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Cia das Letras, 2019 (1968).
- BARRETO, Lourdes et al. **Lourdes Barreto: puta autobiografia**. São Paulo: Editora Clara-boa, 2023.
- DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 2020 (1966).
- GREGORI, Maria Filomena. **Prazeres perigosos: erotismo, gêneros e limites da sexualidade**. São Paulo: Cia das Letras, 2016.
- KAAS, Hailey. O que é cissexismo? **Transfeminismo**, 2012. Disponível em <https://transfeminismo.com/o-que-e-cissexismo/>. Acesso em: 20 set. 2025.
- LEITE, Gabriela. **Filha, mãe, avó e puta: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta**. São Paulo: Editora Objetiva, 2008.
- LOPES, Natânia. **Cabaré**. São Paulo: Urutau, 2023a.
- LOPES, Natânia. **Atuar ou não como prostituta: programa, etnografia, putativismo**. Campinas: Ofícios Terrestres Edições, 2023b.
- LOPES, Natânia et al. **Puta livro**. Rio de Janeiro: Coletivo Puta Davida (apoio FAPERJ), 2022.
- MEDEIROS, Fátima. **Puta história**. Campinas: Ofícios Terrestres Edições, 2024.
- MOIRA, Amara. **E se eu fosse puta?** São Paulo: Hoo Editora, 2016.
- OLIVAR, José Miguel Olivar. **Devir puta: políticas da prostituição nas experiências de quatro mulheres militantes**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- OLIVEIRA, Maria Isabel Zanzotti de. **Nas margens do corpo, da cidade e do Estado: educação, saúde e violência contra travestis**. 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2015.
- PATRIARCA, Letizia. **As corajosas: etnografando experiências travestis na prostituição**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2015.
- PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Perseu Abramo, 2008 (1987).
- PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**. Goiânia, v. 11, n. 2, p. 263-274, 2008. DOI: 10.5216/sec.v11i2.5247. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/5247>. Acesso em: 7 out. 2025.
- PRADA, Monique. **Putafeminista**. São Paulo: Veneta. 2018.
- RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo**. São Paulo, 2017 (1975, 1984).

VANCE, Carole S. *Pleasure and danger: toward a politics of sexuality*. In: VANCE, Carole S. (ed). **Pleasure and danger**: exploring female sexuality. Boston: Routledge & Kegan Paul, 1984.

YOURCENAR, Marguerite. **Memórias de Adriano**. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1994 (1951).

ZAMBONI, Márcio. O barraco das monas na cadeia dos coisas: notas etnográficas sobre a diversidade sexual e de gênero no sistema penitenciário. **Aracê**, [S. l.], v. 4, n. 5, p. 93-115, 2017. Acesso em: 7 out 2025.

ZAMBONI, Márcio. **A população LGBT privada de liberdade**: sujeitos, direitos e políticas em disputa. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2020.

Submetido em: 4 fev. 2025.
Aprovado em: 13 out. 2025.

Verificado por análise de similaridade do Turnitin.



“Putas Pantheon: Memorial gráfico transatlântico de putas notáveis através dos séculos”, de autoria de Marcio Zamboni e Natânia Lopes, está licenciado sob CC BY 4.0.

